



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**PAULA SABRINA BARBOSA DE ALBUQUERQUE**

**DIÁRIO DE LEITURA: UM ARTEFATO PARA ALFABETIZAR LETRANDO**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2013**

PAULA SABRINA BARBOSA DE ALBUQUERQUE

DIÁRIO DE LEITURA: UM ARTEFATO PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Trabalho Acadêmico apresentado ao Departamento de Educação da  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para  
integralização curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>.Ms. Kátia Cristina de Castro Passos

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

A345d      Albuquerque, Paula Sabrina Barbosa.  
Diário de leitura [manuscrito]: um artefato para alfabetizar letrando . / Paula Sabrina Barbosa de Albuquerque. – 2013.  
61 f. il. Color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.  
“Orientação: Profa. Ma. Kátia Cristina de Castro Passos, Departamento de Pedagogia”.

1. Alfabetização 2. Letramento 3. Formação de Leitores 4. Diário de Leitura I. Título.

21. ed. CDD 372.6

PAULA SABRINA BARBOSA DE ALBUQUERQUE

Aprovado em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

*Kátia Cristina de Castro Passos*

Prof.<sup>ª</sup>.Ms.Kátia Cristina de Castro Passos

*Christinne Ferreira Silva Oliveira*

Prof.<sup>ª</sup>.Ms.Christinne Ferreira Silva Oliveira

*Maria de Lourdes Cirne Diniz*

Prof.<sup>ª</sup>.Ms.Maria de Lourdes Cirne Diniz

CAMPINA GRANDE – PB

2013

## DEDICATÓRIA

Dedico todo o meu amor pela educação às crianças, que me inspiram a cada amanhecer.  
Trazendo em cada rosto o desejo de aprender e de ser compreendida.

**“O Senhor é o meu pastor. Nada me falta. Em verdes pastagens me faz repousar; para fontes tranquilas me conduz, e restaura as minhas forças”.**

**(Salmo, 23: 1-3)**

## AGRADEÇO

A **Deus** por me ter confiado a missão de educar, oportunizando momentos insubstituíveis em minha vida.

Minha eterna gratidão e reconhecimento às pessoas cuja gratidão tornou-se decisiva para a realização desse trabalho:

À professora Ms. Kátia Cristina de Castro Passos pela orientação, apoio, dedicação e disponibilidade que acompanhou a elaboração dessa pesquisa – exemplo de educadora. Muito obrigada por ter acreditado em potenciais que nem eu mesma sabia que existiam, o que fez mudar significativamente o meu caminho, abrindo-me novos olhares, e assim, novas escolhas que só me auxiliaram na realização de mais esta etapa.

Tenho uma imensa gratidão aos meus pais Valdemir e Maria Santana que dedicaram parte de suas vidas para a minha educação. Vibrando a cada conquista e dando força nas fases difíceis.

Ao meu esposo, Emmanuel, que carinhosamente soube contribuir para a conclusão deste trabalho acadêmico.

À minha sogra, Maria Adnair, pelo estímulo diário e por acreditar que este trabalho pode contribuir para a formação de futuros cidadãos ativos.

Ao Centro Educacional Moderno, instituição que possibilitou o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa e em especial às educadoras.

Às secretárias da escola – Jéssica e Edvanilda, pelo carinho para com o ato de educar.

Não poderia deixar de agradecer aos pais que colaboraram para o contato das crianças com o universo literário.

Gostaria de deixar registrada a inspiração que a minha amiga Rita de Cássia, “bicha feia” – como carinhosamente nos chamamos, proporcionou para a construção deste trabalho ao demonstrar a sua paixão pela forma de Alfabetizar Letrando.

À Valmira Matias, a qual persistiu significativamente para que eu não desistisse. Estando comigo quase que diariamente dando aquelas “broncas” e aqueles abraços tão importantes nesta etapa final.

À minha companheira de estudos, Daniela Nóbrega, pelas vivências e descobertas que fizemos no curso de Pedagogia.

À minha querida tia materna, Fátima Paula, por garantir o meu ingresso na incrível viagem no mundo da literatura infantil.

Às minhas irmãs – Raissa, Camila e Carolina – por acreditarem que eu era capaz, e por meio de palavras encorajadoras sempre me estimularam.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desse projeto de pesquisa.

**“[...] A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”**

**(Emília Ferreiro)**

## RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta o resultado de uma pesquisa realizada em uma escola do município de Campina Grande com o objetivo de favorecer a alfabetização e o letramento a partir da utilização do gênero diário de leitura como instrumento na formação de leitores e escritores competentes. A pesquisa científica de cunho qualitativo foi conduzida na escola Centro Educacional Moderno. A amostra da referida pesquisa constitui-se pelas turmas do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º, que utilizam o gênero diário de leitura para o registro de suas impressões acerca dos diversos gêneros textuais lidos em sala de aula ou em casa. A metodologia da pesquisa teve como pressuposto a análise dos diários, as observações na rotina escolar e os relatos de experiências dos pais e professores. Com o fim da compreensão e a análise dos dados obtidos, confrontamos com as informações bibliográficas que deram base e subsídios teóricos para a referida pesquisa (COELHO, 2000), (PARREIRAS, 2009), (SILVA & MARTINS, 2010), (SOARES, 2012) e (TEBEROSKY & COLOMER, 2003) nos direcionando em seus estudos para uma revisão dos paradigmas no que diz respeito à formação de leitores e escritores críticos e ativos. Afirmamos que o debate sobre experiências concretas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental contribui significativamente para a promoção das crianças em um ambiente alfabetizador atrelado ao letramento, além de contribuir de forma efetiva para uma prática pedagógica que possibilite a conscientização desses indivíduos a fim de perceberem a sua importância como seres “pensantes” que podem, acima de tudo, mudar a realidade e interferir no meio no qual estão inseridos, sendo sujeitos ativos e transformadores da sociedade.

**Palavras-chave:** Alfabetização, letramento, diário de leitura.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CEM – Centro Educacional Moderno**

**LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação**

**INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional**

**IPL – Instituto Pró-Livro**

**MEC – Ministério da Educação**

**PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais**

**PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>12</b> |
| <b>1. CAPÍTULO I</b>  | <b>14</b> |
| 1.0. Breve Histórico da Educação no Brasil  | 15        |
| 1.1. Alfabetização no Brasil: Uma História contada em prosa                                   | 19        |
| 1.2. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC                               | 23        |
| <b>2. CAPÍTULO II</b>   | <b>26</b> |
| 2.0 Diferença entre Alfabetização e Letramento  | 27        |
| 2.1 A Formação do Leitor e do Escritor na Perspectiva do Letramento                           | 29        |
| 2.1.1 Ler Para Quê? Ler Por Quê?  | 32        |
| 2.1.2 Escrever Por Quê? Escrever Para Quê?  | 33        |
| <b>3. CAPÍTULO III</b>  | <b>35</b> |
| 3.0 Histórico da Unidade de Ensino Locus da Pesquisa  | 37        |
| <b>4. CAPÍTULO IV</b>   | <b>38</b> |
| 4.0 Metodologia da Pesquisa   | 39        |
| 4.1 A Sala de Aula como Ambiente de Cultura Escrita: Um ensaio com o gênero Diário de Leitura | 40        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>50</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | <b>52</b> |
| <b>ANEXO</b>  | <b>55</b> |

## INTRODUÇÃO

Considerando que vivemos atualmente em uma sociedade letrada, em que o mundo da linguagem e dos sinais gráficos se faz presente na vida das pessoas desde sua concepção – nos veio o seguinte questionamento: Que fazer nos dias atuais para contribuir de maneira significativa para a formação de “pequenos” leitores e escritores críticos/ativos?

Afinal, em diversos lugares podemos observar placas de sinalização, banners promocionais, embalagens de produtos, textos explicativos, receitas variadas, panfletos, jornais, revistas, livros como formas de utilização da linguagem gráfica para expressar mensagens.

A alfabetização e o letramento são processos que caminham juntos. Este trabalho, busca inserir as crianças em um ambiente alfabetizador, seja ele na escola ou em casa, baseado no alfabetizar letrando e subsidiado pelo instrumento de escrita – Diário de leitura – tendo como eixo, o educando enquanto “ser pensante”.

Partindo disso, fundamentamos o nosso projeto de pesquisa aliando a ALFABETIZAÇÃO ao LETRAMENTO de forma lúdica e prazerosa, além de estimular as crianças à leitura e à escrita espontânea, assim como novas descobertas em torno do letramento, para os(as) alunos(as) do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano.

Considerando que, vivemos numa sociedade grafocêntrica<sup>1</sup>, na qual a cultura escrita é extremamente valorizada, e os indivíduos que não se apropriam dessa cultura são excluídos e desvalorizados nos mais diversos setores sociais, ou seja, não basta ser simplesmente alfabetizado e aprender meramente a decodificar, faz-se necessário que o mesmo seja também letrado para que possa exercer as práticas sociais de leitura e escrita neste contexto.

Na contemporaneidade, a escola se configura como lócus de aquisição da leitura e da escrita, e os livros são “tijolos” que vão colaborar na construção de um ser humano que participa, que escolhe e que lê, se tornando protagonista da sua própria história. No entanto, ser alfabetizado/a não significa apenas decodificar o código escrito, mas compreender o que se lê, além de atribuir um significado ao que se está lendo – são os chamados leitores e escritores competentes.

---

<sup>1</sup> De acordo com as autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) diz-se que grafocêntrica é sociedade que é centrada na escrita.

A situação de nosso país, nas últimas décadas, com relação aos índices de analfabetismo, é alarmante, se discute muito sobre esse assunto, mas pouco se faz. Ressaltando que, o número de alunos que chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental, sem estarem sequer alfabetizados, também é preocupante.

Já que o paradigma tradicional defendido há décadas não está trazendo resultados satisfatórios, foi realizado um estudo teórico, recorrendo a uma pesquisa bibliográfica sobre a Alfabetização, partindo para seu campo de atuação e confrontando a teoria com a prática. Antecedendo toda a discussão teórica, foi traçado um histórico sobre a alfabetização no Brasil e, na prática, foi realizado um estudo de caso com o gênero DIÁRIO DE LEITURA, que possibilitou perceber como é importante e enriquecedor um processo alfabetizador baseado na relação da criança com uma diversidade de textos, seja como ouvinte, redator ou leitor.

O presente estudo contribuirá para um repensar do educador atuante nas classes de alfabetização, pois este deve ter um conhecimento básico dos princípios teórico-metodológicos da alfabetização para que possa refletir sobre sua prática pedagógica, podendo reconstruí-la.



“A leitura tem sido historicamente um privilégio das classes dominantes; sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais”.

(Magda Soares)

Desenho da “borboleta” Maria Clara, 8 anos, aluna do 4º ano.

## 1.0 - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A história da educação no Brasil começa antes da invasão portuguesa ao nosso território, tendo em vista que essas terras já eram habitadas por cerca de cinco milhões de índios das mais diversas tribos, cada uma com sua cultura e língua que se diferenciava das demais. Esse tipo de educação pode ser denominado hoje como educação informal, ou seja, não era dada em instituições voltadas para o ensino de algo, ao contrário, os (as) alunos (as) indígenas, denominados curumins, aprendiam por imitação dos adultos, a cultura era passada de geração a geração através da oralidade.

Com a invasão portuguesa em 1500, muita coisa mudou, principalmente nas tribos que se localizavam próximo ao litoral. Logo nos primeiros anos de colonização os padres jesuítas trataram de ensinar aos índios a fé católica e alguns rudimentos de leitura e escrita, sendo uma forma de pacificá-los para que o processo de dominação não fosse tão difícil.

Os jesuítas, vendo que os movimentos protestantes e reformistas cresciam a cada dia na Europa, resolveram assegurar nas terras conquistadas a propagação da fé católica, dando a educação de acordo com a posição social do indivíduo.<sup>2</sup> Com isso, padres da Igreja chegaram ao continente americano e estabeleceram as primeiras missões catequéticas com seus colégios destinados aos nativos (Funari&Piñón, 2011).

Os padres acabaram ministrando, em princípio, educação elementar para a população indígena e branca em geral (salvo as mulheres), educação média para a classe dominante, parte da qual continuou nos colégios preparando-se para o ingresso na classe sacerdotal, e educação superior religiosa só para essa última (ROMANELLI, 1997: 35).

Diante deste pressuposto Fernando Azevedo (1996) acrescenta que, a educação institucional no Brasil, controlada pelos jesuítas não serviam para a educação primária profissional, mas sim para a educação erudita das classes dominantes.

Sendo assim, a educação no período colonial não visava à formação intelectual do povo, pelo contrário, o mesmo foi excluído do sistema educacional dos jesuítas, dentre eles os indígenas e os mestiços. Tendo em vista, que a educação da elite servia como diferencial das

---

<sup>2</sup>Os jesuítas se sobressaíram na colonização portuguesa na tarefa de aprender os idiomas dos índios e de catequizá-los utilizando o próprio modo indígena de falar. Logo, o aprendizado se fazia por meio da memorização, e assim como nos fala Funari&Piñón “em pouco tempo segundo a visão dos padres, os indígenas tornavam-se católicos fervorosos” (Funari&Piñón, 2011:75).

classes subalternas. Vale salientar também que, a educação propagada pelos jesuítas para com os indígenas tinha como objetivo tornar estes apenas civilizados.

Nos períodos de Colônia e Império, os jesuítas contiveram a educação, com a intenção de difundir o catolicismo e dar educação à elite colonizadora. Esse domínio colidia com os interesses do regime político que visava à manutenção da ordem, sendo assim, transmitiam em seus ensinamentos no Brasil, os dogmas católicos, o que possibilitou a destruição de culturas indígenas quase por inteiro (Azevedo, 1996).

Como já foi dito, neste ambiente a instrução teve um desenvolvimento reduzido e dado apenas à elite colonial. O ensino primário dado nas escolas dedicava-se à leitura, a aritmética e aos dogmas católicos (Oliveira Santos, 1992).

O ano de 1759 é marcante na história da educação no Brasil: Marquês de Pombal, o qual era avesso ao ensino dos dogmas da igreja católica expulsou os jesuítas de Portugal e de suas colônias (Azevedo, 1996).

Com a expulsão dos jesuítas as escolas ficaram vazias e tentou-se suprir a falta dos jesuítas com professores leigos, mas eles não estavam preparados, o que trouxe prejuízos ao sistema frágil de ensino vigente na época.

Segundo Azevedo (1996), em 1784 havia no Brasil, especificamente na cidade Rio de Janeiro, nove escolas de primeiras letras, porém nas vilas do interior não havia instituições educacionais. Essa realidade se fez presente até meados da Independência do Brasil.

Contudo, o quadro muda a partir de fins do século XVIII, com a vinda da família real portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, onde se introduz costumes e percepções oriundas da corte portuguesa. Assim, o português dominou o tupi no Brasil. E com isso, a conseqüente instalação de uma corte portuguesa e, depois, brasileira, viria a introduzir novas maneiras, buscando legitimar ao se apresentar não apenas como herdeira da tradição nobiliárquica europeia, mas como, de alguma forma, ligada a terra e aos seus habitantes originais (Funari & Piñón, 2011). Dentre tantas mudanças se priorizou o ensino superior em detrimento do ensino primário.

Logo, no período imperial há um maior esforço para a criação de unidades de ensino (1822 a 1834), onde foram promulgados cerca de sessenta decretos relacionados ao ensino,

sendo, a maior parte dessas leis voltadas para o ensino superior, mostrando aí a falta de interesse de fortalecer o ensino primário (Azevedo, 1996).

Outra mudança ocorrida após a implantação da Corte Imperial foi com a inclusão de algumas leis (poucas delas) que enfocavam a educação dos pobres e abandonados. Assim, em 1824, na Bahia, foi decretada a fundação de um seminário de meninos pobres, quatro anos depois foi aprovado o seu estatuto, e, além disso, criaram-se escolas de primeiras letras para meninas (Oliveira Santos, 1922).

Considera-se importante avanço em 1840, quando surge o ensino das primeiras letras ao adulto nos cursos de ensino profissional oferecido pelo Arsenal de Guerra do Recife. Em 1869, tendo como finalidade agilizar o processo de escolarização para atender o maior número de analfabetos. Sendo assim, foram criadas escolas noturnas, aos domingos e no período de verão, além de criar escolas temporárias e ambulantes (Oliveira Santos, 1922).

Em 1879, é publicado um decreto que tem como objetivo reformar o ensino primário e secundário no Município da Corte, além do ensino superior em todo o império. O conteúdo deste decreto é o seguinte:

1. A instrução primária e secundária será livre no Município da Corte;
2. Dar-se-á aos meninos pobres roupas e utensílios necessários ao estudo;
3. O ensino primário será dividido em dois graus;
4. Governo financiará as escolas particulares para que recebam gratuitamente meninos pobres;
5. Contratar-se-ão nas províncias, professores particulares que percorrerão certos números de localidades, ficando nelas o tempo necessário para ensinar aos meninos e meninas os rudimentos do ensino primário;
6. Poder-se-á criar cursos para o ensino primário de adultos analfabetos nas províncias;
7. Criar-se-ão escolas profissionais;
8. Fundar-se-ão bibliotecas e museus pedagógicos nas cidades onde houver escolas normais;
9. Criar-se-ão nas províncias bibliotecas populares (OLIVEIRA SANTOS, 1922, p. 319).

À implementação do decreto citado anteriormente é notório a preocupação da corte em prol de melhorias no setor educacional do país, visando promover a inserção da classe subalterna.

Com o advento da República, o poder público assume a tarefa de organizar e manter integralmente as escolas, tendo como objetivo a difusão do ensino para toda a população. A escola consolidou-se como locus de preparo para as novas gerações, objetivando a atender aos ideais republicanos que era o estabelecimento de uma nova ordem social e política (Oliveira Santos, 1922).

De acordo com republicanos, saber ler e escrever tornou-se uma condição privilegiada de aquisição do saber e do conhecimento que seria condição fundamental para o desenvolvimento social da nação, pois como retrata Saviani, Souza, Valdemarin e Almeida (2006):

O século XIX foi o cenário de experimentação e construção da escola graduada dotada de uma estrutura coerente, durável e adequada à universalização do ensino primário. A crença no poder da escola de moralizar, civilizar e consolidar a ordem social difunde-se extraordinariamente nessa época, tornando-se a justificativa ideológica para a construção dos sistemas estatais de ensino (SAVIANI, SOUZA, VALDEMARIN E ALMEIDA, 2006: 36).

A leitura e a escrita que até então ocorria de forma desorganizada ou precária, nas poucas “escolas” do império ou em casa, tornou-se um dos fundamentos da escola obrigatória. As práticas de leitura e escrita passaram a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando para tal tarefa a preparação de profissionais especializados.

Assim, passou-se a se preocupar com a construção de prédios para o funcionamento de escolas e com a criação de um corpo de agentes que pudessem gerir a instrução. No estado de São Paulo, há um pioneirismo com relação a organização do ensino, em instituições no caso específico - os grupos escolares (Oliveira Santos, 1922). Pensando neste pressuposto Azevedo (1996) afirma que:

A atuação dos republicanos no campo educacional não se reduziu às escolas particulares, mas, sobretudo, esteve presente na implantação de iniciativas em prol da educação popular de grande repercussão política e social para a época. Em várias cidades, dedicaram-se à promoção de conferências educacionais, criação de escolas populares, cursos noturnos para os adultos e fundação de escolas profissionais. Nesse esboço impetuoso de iniciativa particular, os republicanos fizeram da educação um meio de propaganda dos ideais liberais republicanos e reafirmaram a escola

como instituição fundamental para o novo regime e para a reforma da sociedade brasileira (AZEVEDO, 1996: 87).

Em 1932 houve no Brasil, um manifesto denominado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que teve como objetivo renovar o ensino e teve como precursor o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey (1859-1952), que via a educação como uma necessidade social, e por isso as pessoas deviam ter direito. É a partir dela que os conhecimentos são sistematizados. Dentre as reivindicações dos pioneiros da Educação Nova seria a de que o Estado assumisse como sendo dele o dever de prover a educação no país. Podemos identificar como figuras importantes desse movimento os educadores Manuel Bergström Lourenço Filho<sup>3</sup> (1897-1970), e Anísio Spínola Teixeira (1900-1971)<sup>4</sup>.

Os anos de 1940 e 1950 são marcados por inúmeras campanhas com o objetivo de alfabetizar os adultos no país, cujo índice de analfabetos era altíssimo, Dentre estas campanhas destacaram-se o Fundo Nacional de Ensino Primário (1942), Serviço Nacional de Adultos e Campanha Nacional Rural (1952) e Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958). Já no final da década de cinquenta, fazia-se duras críticas às campanhas destinadas a combater o analfabetismo, visto que as mesmas eram deficitárias tanto na questão administrativa como na proposta pedagógica.

## 1.1 ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: UMA HISTÓRIA CONTADA EM PROSA

A História da Alfabetização, em nosso país, foi centrada na História dos Métodos de Alfabetização. As disputas entre esses métodos, que objetivavam efetivamente garantir aos educandos a inserção no mundo da cultura letrada, produziram uma gama de teorizações e tematizações acerca de estudos e de pesquisas a fim de investigar essa problemática.

---

<sup>3</sup>Manuel Bergström Lourenço Filho foi um educador brasileiro conhecido sobretudo por sua participação no movimento dos pioneiros da Escola Nova. Foi duramente criticado por ter colaborado com o Estado Novo de Getúlio. Sua obra nos revela diversas facetas do intelectual educador, extremamente ativo e preocupado com a escola em seu contexto social e nas atividades de sala de aula. Acessado em 16 de novembro de 2013: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Louren%C3%A7o\\_Filho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Louren%C3%A7o_Filho).

<sup>4</sup>Anísio Spínola Teixeira foi um jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro. Personagem central na história da educação no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, difundiu os pressupostos do movimento da Escola Nova, que tinha como princípio a ênfase no desenvolvimento do intelecto e na capacidade de julgamento, em preferência à memorização. Reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro, exercendo vários cargos executivos. Foi um dos mais destacados signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova<sup>1</sup>, em defesa do ensino público, gratuito, laico e obrigatório, divulgado em 1932. Fundou a Universidade do Distrito Federal, em 1935, depois transformada em Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Acessado em 16 de novembro de 2013: [http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%ADsio\\_Teixeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%ADsio_Teixeira).

Desde o final do século XIX, a dificuldade de nossas crianças para aprender a ler e escrever, principalmente na escola pública, incitou debates e reflexões buscando explicar e resolver esses entraves. As práticas de leitura e de escrita ganharam mais forças no final desse século, principalmente a partir da Proclamação da República.

A educação nesse período ganhou destaque como uma das utopias da modernidade. Até então, nessa época, as práticas de leitura e escrita eram restritas a poucos indivíduos nos ambientes privados do lar ou nas “escolas” do império em suas “aulas régias” (MORTATTI, 2006).

Até o final do império, as “aulas régias” ofereciam condições precárias de funcionamento e o ensino dependia muito do empenho dos professores e dos alunos. Para a iniciação do ensino da leitura eram utilizadas as chamadas “cartas de ABC” e os métodos de marcha sintética, ou método sintético (da “parte” para o “todo”); da soletração (silábico), partindo dos nomes das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas.

Em 1876, em Portugal, foi publicada a Cartilha Maternal ou Arte da Leitura, escrita por João de Deus, um poeta português. O conteúdo dessa cartilha ficou conhecido como “método João de Deus” e foi bastante difundido principalmente a partir do início da década de 1880. O “método João de Deus”, também chamado de “método da palavração”, fundamentava-se nos princípios da linguística moderna da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos.

Na primeira década republicana foi instituído o método analítico que diferentemente dos métodos de marcha sintética, orientava que o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo” para depois se analisar as partes que constituem as palavras. Ainda nesse momento, já no final da década de 1920, o termo “alfabetização” passou a ser usado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita.

A partir da segunda metade da década de 1920, passa-se a utilizar métodos mistos ou ecléticos, chamados de analítico - sintético, ou vice-versa. Esses métodos se estendem até aproximadamente o final da década de 1970.

Já no início da década de 1980, foi introduzido no Brasil, o pensamento construtivista de alfabetização, fruto das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita. O Construtivismo não se constitui como um método, mas sim como uma desmetodização em que na verdade, propõe-se uma nova forma de ver a alfabetização, como um mecanismo processual e construtivo com etapas sucessivas e hipotéticas.

Nos anos 90, começaram a surgir os ciclos básicos de alfabetização em alguns estados como nos traz a própria Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Título V, Capítulo II, Seção I, Artigo 23:

A educação básica poderá organiza-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.(BRASIL, 1996 )

Em 1996, a LDB criou os ciclos na organização de ensino. Com isso podemos perceber que a classe de alfabetização em um ano não dá conta da alfabetização que agora é vista não somente como a aprendizagem mecânica do ler e escrever, mas como um período onde a criança é levada a dominar as práticas de leitura e de escrita desta nossa sociedade grafocêntrica.

Nessa mesma época, foi constatado um número enorme de pessoas “alfabetizadas”, mas consideradas como analfabetos funcionais, que são as pessoas que decodificam os signos linguísticos, mas não conseguem compreender o que leram. Surge então o termo “letramento”. Estar letrado seria então, a capacidade de ler, escrever e fazer uso desses conhecimentos em situações reais do dia-a-dia. Alfabetizar letrando é de fundamental importância, pois garante uma aprendizagem muito mais significativa, afinal como afirma Soares (2012:47):

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nessa etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

Atualmente vivenciamos uma crise de paradigmas, os métodos de abordagem tradicional e/ou tecnicista, já não dão conta do contexto atual e o Construtivismo, na maioria das vezes, continua sendo mal interpretado, incompreendido e utilizado de forma equivocada, isso quando utilizado. Portanto, entendemos que um método ou uma perspectiva de desmetodização, enquanto teoria educacional funciona se há uma real fundamentação teórica e prática e se, relacionado a tal método ou desmetodização, estiverem uma teoria do conhecimento, além de um projeto político e social.

Os defensores dessa proposta acreditavam que era através da imersão da criança nas práticas sociais de leitura e escrita que a alfabetização ocorria não sendo necessário o ensino das correspondências fonema-grafema, ou da consciência fonológica, pois isso são consequências da evolução conceitual da criança em processo de aprendizagem.

Inicia-se, assim, uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores — quase nunca “confessos”, mas atuantes especialmente no nível das concretizações — dos tradicionais métodos (sobretudo o misto ou eclético), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos, engendrando-se um novo tipo de ecletismo processual e conceitual em alfabetização. (MORTATTI, 2006, p.10)

A partir do momento em que o conceito de construtivismo começou a ser estudado e discutido, ser apropriado e ser revisto em pesquisas científicas, documentos que orientam o ensino, assim como na formação inicial e continuada de professores e na escola, passaram a provocar efeitos nas instituições de ensino. Outra disputa a partir de meados dos anos 90 começa a surgir a partir do momento em que os estudos construtivistas são contrapostos pelos estudos do letramento e do interacionismo na perspectiva histórico-cultural

Conforme o INAF, Indicador de Alfabetismo Funcional<sup>5</sup>, o percentual da população alfabetizada funcionalmente foi de 61% em 2001 para 73% em 2011, mas apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura.

Em síntese, a história da alfabetização está diretamente relacionada com a história da escola, nas entre linhas, com a metodização do ensino da leitura e da escrita. Conseqüentemente, é papel do professor fazer com que as crianças tenham acesso ao código,

---

<sup>5</sup> É considerada alfabetizada funcionalmente a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita e habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Acessado em 20 de novembro de 2013: <http://www.ipm.org.br>

à codificação e a decodificação, mas atrelando esses aspectos a função social da leitura e da escrita – é o que chamamos de alfabetizar letrando.

Todo este estudo sobre a história da alfabetização, desde os métodos, as cartilhas e a inserção da proposta construtivista das pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, até os dias de hoje nos aponta o desejo crescente de desenvolver e aplicar estratégias em prol de uma alfabetização mais eficiente.

Pensando nisso o MEC desenvolveu o Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, intitulado *Pró Letramento*(2008:14), o qual descreve:

“O desenvolvimento das capacidades linguísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em situações diferentes das familiares, não acontece espontaneamente. Elas precisam ser ensinadas sistematicamente e isso ocorre, principalmente nos anos iniciais da Educação Fundamental. [...]contribuir para que o professor e a professora que alfabetizam compreendam os processos envolvidos na aquisição de nosso sistema de escrita alfabético e das capacidades necessárias ao aluno para o domínio dos campos da leitura, da produção de textos escritos e da compreensão e produção de textos orais [...]”.

## 1.2 O PACTO NACIONAL PELA EDUCAÇÃO NA IDADE CERTA – PNAIC

Objetivando melhorias no índice de alfabetização no Brasil com enfoque qualitativo e quantitativo, o Governo Federal elabora o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, unindo forças aos governos estaduais e municipais para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade – final do 3º ano do Ensino Fundamental. De acordo com a proposta do PNAIC,

Aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escrito(BRASIL, 2012).

Vale ressaltar que o PNAIC defende a ideia de desenvolver programas coerentes de formações continuadas aos docentes de forma crítica, reflexiva e problematizadora. Além do princípio de respeito aos profissionais da educação, e uma busca incessante pelo saber, que

direcione a uma escola mais inclusiva e articulada com as comunidades onde se inserem. Tal ação se dá através de um curso, que apresenta uma estrutura de funcionamento na qual as universidades, secretarias de educação e escolas deverão articular-se para formar professores alfabetizadores.

Essa estrutura é composta pelo professor formador, que realizará a formação dos orientadores de estudo vinculados às universidades públicas, secretarias de educação e escolas. O orientador de estudos organizará a formação dos professores atuantes nas escolas dos três primeiros anos nas diversas regiões do país. Sendo assim, esses saberes socializados devem se materializar em práticas escolares que colaborem para a alfabetização na idade certa.

É importante destacar que, a formação de professores está interligada às questões reflexivas de uma prática pedagógica em constante evolução (caráter qualitativo e quantitativo), das mudanças culturais e das novas tecnologias para o desenvolvimento de uma cultura de formação continuada e institucional no âmbito do desenvolvimento de novas práticas pedagógicas adequadas à alfabetização, além de promoverem espaços, situações e materiais adequados.

Para que os objetivos do PNAIC possam ser alcançados é de suma importância que os professores se sintam motivados a experimentar novas experiências, acreditando nas suas potencialidades – colocando em ação o ser pensante – a fim de planejar e executar práticas pedagógicas alfabetizadoras.

A ação referente à formação do PNAIC deve ser planejada destacando os seguintes aspectos:

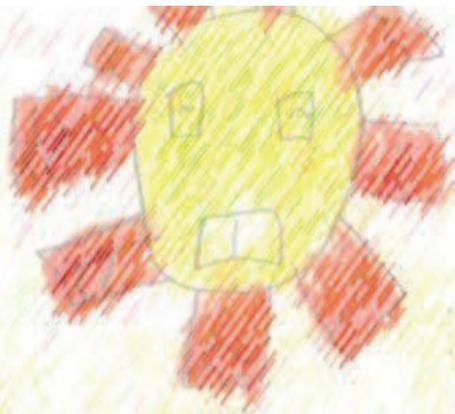
- Fornecer a aprendizagem coletiva, de troca de experiências evidenciando a pertinência de estratégias formativas que favoreçam a interação entre pares;
- Refletir criticamente a respeito da prática durante o andamento da formação;
- Compartilhar boas práticas;
- Executar estratégias formativas que assegurem a discussão de exemplos;
- Valorizar diferentes experiências;

- Escolher materiais de leitura que solidifiquem a compreensão dos fenômenos estudados.

Diante dos aspectos anteriormente citados, destaca-se o papel do professor em tornar a sua sala de aula um ambiente alfabetizador, enfatizando o que fundamenta o PNAIC:

[...] a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática (BRASIL, 2012).

Maria Clara, 7 anos

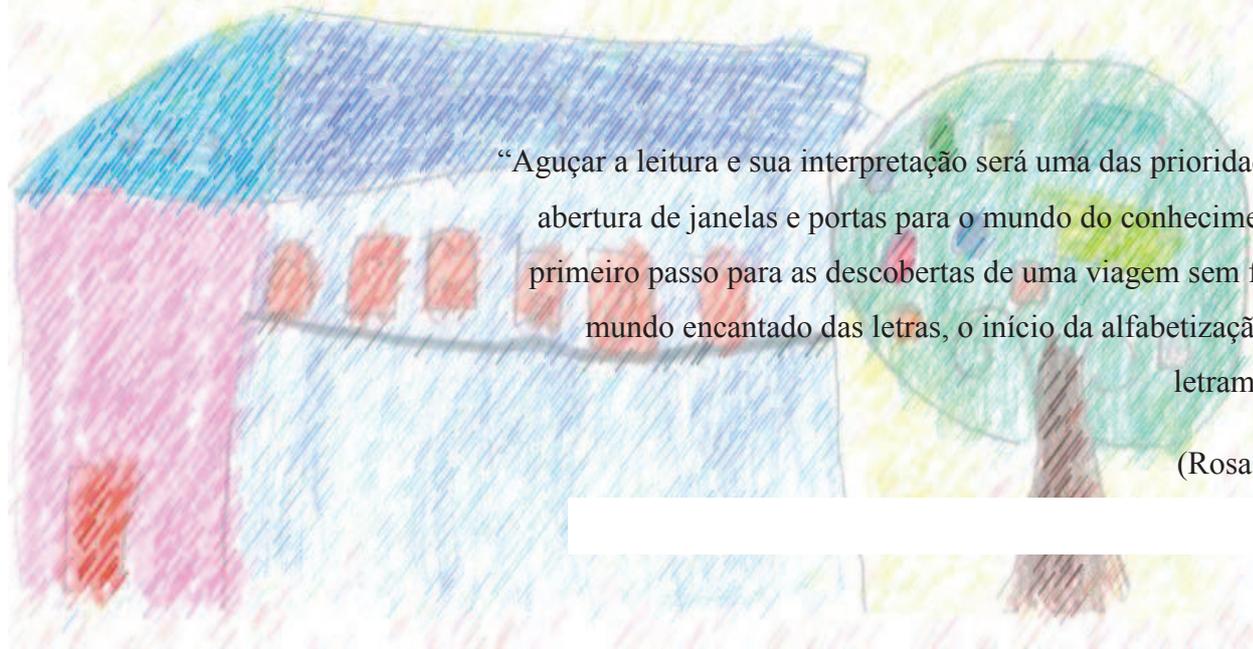


## CAPÍTULO II



“Aguçar a leitura e sua interpretação será uma das prioridades na abertura de janelas e portas para o mundo do conhecimento, o primeiro passo para as descobertas de uma viagem sem fim no mundo encantado das letras, o início da alfabetização e do letramento.”

(Rosa Costa



## 2.0 DIFERENÇA ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A partir de um breve resgate histórico da alfabetização no Brasil, podemos perceber que o século XX é marcado por grandes mudanças tanto metodológicas como conceituais (Soares, 2012).

Sendo assim, no que diz respeito à alfabetização de acordo com Soares (2012), estamos enfrentando mais um momento de mudanças, pois nas últimas décadas constatou-se em diferentes pesquisas problemas nos processos e resultados com relação à alfabetização de crianças no contexto escolar, evidenciando o fracasso da escola brasileira em alfabetizar.

Este fracasso é posto em evidência com os resultados das avaliações nacionais e estaduais que desvelam as carências na alfabetização, além de propor uma nova forma de alfabetizar levando em consideração o ambiente alfabetizador na perspectiva do letramento<sup>6</sup>. “Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não sabe só ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive”(SOARES, 2012: 47).

Desse modo, através do letramento, se pode superar as práticas sociais de leitura e escrita que contemplam não apenas o domínio do nível alfabético e ortográfico, mas, com ele, compreendemos que alfabetizar vai muito além de apenas decodificar o código escrito.

Assim como as sociedades no mundo inteiro tornam-se cada vez mais centradas na escrita, com o Brasil não poderia ser diferente. E como ser alfabetizado, ou seja, saber ler e escrever, é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder às demandas da sociedade atual, é preciso letrar-se, tornar-se um indivíduo que não só saiba ler e escrever, mas exercer as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive (SOARES, 2012).

Para Freire e Macedo (1990) a alfabetização, é “a relação entre o educando e o mundo, mediada pela prática transformadora deste mundo” (FREIRE & MACEDO, 1990: precisa do número da página) e o Letramento que, segundo Soares (2012), “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. (p.47)

---

<sup>6</sup> “Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas dez anos, portanto, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas” (Soares, 2012: 15).

Alfabetizar num contexto de letramento possibilita que os/as alunos/as construam seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações vivenciadas no cotidiano. Deste modo, letrar significa inserir os/as alunos/as no mundo letrado, trabalhando com os diversos usos da escrita em nossa sociedade e sua função social. Entendemos que uma criança pode ser letrada e não alfabetizada, pois ela entra em contato com o mundo letrado muito antes de ser alfabetizada, e esse conhecimento cultural é alcançado informalmente na convivência com familiares e no meio social na qual está inserida.

Pois, como salienta Emília Ferreiro (2010: 64),

Desde que nascem são construtoras de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que as rodeiam, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam, por si próprias, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles.

O ambiente onde os/as alunos/as estão inseridos/as pode ser um facilitador para o processo de letramento. Esse processo é facilitado quando, no meio em que se vive pratica-se leituras diversas, conversas sobre leituras realizadas. Percebe-se que, quando se dá o exemplo de um modelo cultural letrado, o estimula essas práticas para o desenvolvimento de aprendizagem, torna-se bem mais fácil.

Para Silvia Colello (2006), “a alfabetização é o processo de aquisição de habilidades para a leitura e a escrita, enquanto o letramento usa essas habilidades para alcançar diferentes objetivos, tais como: divertir, informar, criticar, narrar e etc” (Colello, 2006: 86). Logo, o letramento possibilita que o indivíduo estabeleça uma relação diferenciada com a sociedade e permite-lhe uma interação com o seu contexto sociocultural. Assim, “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza aspectos sócios históricos a aquisição de uma sociedade” (Colello, 2006: 98).

Na escola, os/as alunos/as devem interagir com textos significativos, que possibilitem uma ampliação de seus conhecimentos sobre o mundo que os/as cercam, e tenham condições de argumentar e expor suas impressões sobre esses conhecimentos. Letramento é informar-se através da leitura, selecionar o que desperta interesse, se divertir com as histórias em quadrinhos; é fazer comunicação através de recado, do bilhete, do e-mail etc.

Letramento é acima de tudo ler histórias e emocionar-se com as histórias lidas, fazer das personagens seus amigos, é descobrir que a leitura nos possibilita viajar pelo mundo sem sair de casa, é querer ouvir o barulho dos seus pensamentos a cada aventura no universo da leitura.

## 2.1 A FORMAÇÃO DO LEITOR E DO ESCRITOR NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Atualmente a proposta de letramento propõe o trabalho com os diversos gêneros literários na sala de aula, pois possibilita efetivamente a formação cultural do indivíduo.

Os gêneros literários talvez sejam dos mais significativos para a formação de um acervo cultural consistente. De um lado, como os textos literários costumam propositalmente trabalhar com imagens que falam à imaginação criadora, muitas vezes escondidas nas entrelinhas ou nos jogos de palavras, apresentam o potencial de levar o sujeito a produzir de forma qualitativa diferenciada de penetrar na realidade. (SILVA & MARTINS, 2010, p. 32)

Sendo assim, a escolha do material de leitura é sem dúvida uma das etapas mais significativas da organização do trabalho pedagógico, e o papel do professor como mediador da leitura é algo fundamental, pois é ele o responsável pela organização do tempo pedagógico, e deve disponibilizar esse tempo com espaço para atividades de leitura que, sem dúvida, contribuirão no processo de ensino/aprendizagem.

Percebe-se que, na educação infantil é comum o professor determinar um tempo para a contação de história para os/as alunos/as, e o encantamento destes ao ouvir uma história os motivará a ler, de forma espontânea, outras histórias. Já no ensino fundamental essa prática é quase que completamente extinta e substituída pela leitura exclusiva dos fragmentos de textos presentes no livro didático, prática que contribui para o desinteresse dos alunos pela leitura. Assim, afirmamos que os professores do ensino fundamental devem adotar a prática de ler para seus alunos diversos gêneros.

Afinal sabe-se que as primeiras experiências de leitura da criança são marcantes não só pela compreensão dos significados do texto, mas também pelos modos de ler, pela entonação da voz do leitor, pela relação afetiva com o leitor-mediador e com o ambiente em que a leitura se desenvolve [...] (SILVA & MARTINS, 2010: 34).

Se os educadores adotarem essa prática de forma consciente estarão formando um bom leitor, com hábito de leitura e, para que isso aconteça, é necessário que a leitura seja uma prática constante nas atividades e na rotina escolar.

Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir de agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2000: 15).

Sendo a escola hoje, o espaço privilegiado para formar os indivíduos, e que se deve privilegiar os estudos literários de forma efetiva se estimula “o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e além disso dinamiza o estudo e o conhecimento da língua” (COELHO, 2000: 16).

Como ainda afirma Parreiras (2009:23):

A literatura é a única manifestação de arte que tem uma condição para o leitor: ser alfabetizado. Diferente do teatro, da pintura, da escultura, da música e da dança, que não apresentam condições para o espectador, a literatura exige que o leitor saiba ler. A criança pequena depende do adulto para fazer a mediação da leitura. E a criança maior, já alfabetizada precisa do adulto para aproximá-la do livro, sejam os pais, os tios, o professor ou o bibliotecário.

O educador que se dispõe a exercer o papel de "professor-letrador" tem o compromisso de oferecer às crianças a aquisição da leitura, o domínio da escrita e a capacidade interpretativa por meio de estratégias grafocêntricas. Ou, melhor afirmando, através do contato diário com o universo literário. Afinal, ao ler e escrever, a criança se torna protagonista de sua própria história e desenvolve potencialidades ao elaborar, criar, registrar e relatar vivências.

Mas se faz necessário que o educador, principalmente o que já se encontra há anos exercendo o papel de professor-alfabetizador e que confia plenamente na mera aquisição de decodificação, aceite romper paradigmas e acredite que as transformações que ocorrem na sociedade contemporânea atingem todos os setores, assim como também a escola e os saberes do educador, pois métodos que aprenderam há décadas podem e devem ser aprimorados, atualizados ou até mesmo modificados. O conhecimento não pode manter-se estagnado, pois ele nunca se completa ou se finda.

Então, antes de o professor querer exercer esse papel de "professor-letrador" é necessário que ele se conscientize e busque ser letrado, domine a produção escrita, as ferramentas de busca de informação e seja um bom leitor e um bom produtor de textos. Para que se torne capaz de letrar seus alunos, é preciso que conheça o processo de letramento e que reconheça suas características e peculiaridades. Assim, “os cursos de formação de

professores, em qualquer área de conhecimento, deveriam centrar seus esforços na formação de bons leitores e bons produtores de texto naquela área” (SOARES, 2000: 65).

Percebemos que a ineficácia na formação dos professores reflete na formação de um sujeito que seja um bom leitor e produtor de textos. Atualmente, temos recursos a que o próprio educador pode recorrer para aprimorar seu conhecimento. Mas, ainda não são todos os que têm essa coragem de reconhecer a busca pelo conhecimento como algo contínuo.

Os estudos realizados por Cynthia Santuchi Peixoto (et al, 2004) sobre o papel do "professor-letrador", ao analisar a prática do letramento pelo professor, destacou alguns passos para o desempenho desse papel que consideramos relevante citar:

- 1) investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados;
- 2) planejar suas ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la;
- 3) desenvolver no aluno, através da leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade;
- 4) incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam;
- 5) reconhecimento, por parte do professor, implicando assim o reconhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento;
- 6) não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atentando-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagens diferentes;
- 7) avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo;
- 8) trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a auto-estima e a alegria de conviver e cooperar;
- 9) ativar mais do que o intelecto em um ambiente de aprendizagem, ser professor aprendiz tanto quanto os seus educandos; e por fim,
- 10) reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização. (PEIXOTO, 2004)<sup>7</sup>

Esses passos devem servir como norteadores à prática dos professores que buscam exercer verdadeiramente o papel de “professor-letrador”, desenvolvendo, assim, atividades que valorizem as peculiaridades de cada educando, acreditando na proposta do alfabetizar letrando como um paradigma para a ascensão nos índices qualitativos e quantitativos na educação do Brasil.

---

<sup>7</sup> Retirado: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-06.html>.

### 2.1.1 LER PARA QUÊ? LER POR QUÊ?

O objetivo do trabalho com a leitura é a formação de leitores competentes, capazes de compreender o que nem sempre está escrito, podendo estabelecer relações entre o texto que está lendo com os outros já lidos. Segundo os PCN de Língua Portuguesa:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1996:54).

Assim, é fundamental apresentar os alunos/as uma variedade de textos que favoreçam a construção de conhecimento da proposta do letramento.

Se o que desejamos é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que estão a sua volta, é preciso organizar o planejamento pedagógico de maneira que os alunos/as possam vivenciar as diferentes modalidades de leitura: ler para estudar, informar-se, escrever, revisar o que produz, para resolver problemas, para se divertir, entendendo que ler é uma forma de aprender a pensar e a refletir sobre a realidade.

Quando se lê, utiliza-se estratégias de leitura. Dessa forma, o leitor seleciona o que é mais importante para a compreensão do texto, levanta hipóteses, antecipa ideias e informações.

Através da prática cotidiana da leitura, os alunos conseguem produzir textos com mais competência. É através da prática da leitura que se tem subsídios para saber o que escrever e como escrever, e assim os alunos vão construindo seus conhecimentos sobre a língua.

A indagação que permeia o discurso de educadores/as é “o que fazer para que nossos alunos gostem de ler?”.

A prática pedagógica revela que, para conseguirmos que nossos alunos/as desenvolvam o hábito da leitura, temos que oferecer-lhes um cardápio agradável aos olhos e a mente com textos bem humorados, poéticos e de linguagem interessante aos seus olhos.

Para se conquistar um leitor é preciso que os textos oferecidos divirtam, façam pensar, sorrir, sonhar e refletir.

Nessa linha de pensamento, a leitura não é realizada apenas como pretexto para a realização de tarefas, devemos quebrar de vez em quando a rotina e abrir espaço na sala de aula para a leitura pelo puro prazer de ler.

O/a educador/a pode e deve ler para seus alunos/as, pois ouvir a leitura de alguém proporciona uma relação entre ouvinte e o texto que colabora com o desenvolvimento do gosto pela leitura.

### 2.1.2 ESCREVER POR QUÊ? ESCREVER PARA QUÊ?

O trabalho com produção de textos tem como objetivo a formação de escritores competentes. De acordo com os PCN/LP,

Um escritor competente é alguém que ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e a circunstância enunciativa em questão. [...] É alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento (BRASIL, 1996: 65-6).

É importante percebermos que, para a formação de um escritor competente, é necessário investir em uma proposta educativa sólida, baseada no diálogo, na formação do cidadão capaz de ler e escrever de forma autônoma, podendo refletir, criticar e transformar a sua realidade.

O trabalho de produção de textos orais e escritos evidencia o uso da escrita em diversas situações, levando o educando a desenvolver potencialidades, além de apropriar-se de várias formas de expressão.

Com base na análise das características dos diferentes gêneros textuais trabalhados em sala de aula e na interação com diferentes interlocutores de maneira adequada e criativa, destaca-se o que consta nos PCN/LP (66 – 67):

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciantes “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal esse é o caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita.

O trabalho diário com a escrita deve estimular a expressão oral e os professores devem incentivar os alunos a relatarem suas experiências literárias. Dessa forma, o professor os ajudará a ampliar o seu potencial linguístico além da superação da timidez em falar para os colegas. Será através deste contato diário com a leitura, a escrita e a oralidade que a criança demonstrará e perceberá a sua evolução no mundo letrado – saindo da voz passiva para a voz ativa. “A leitura em voz alta tem efeito diferente da leitura silenciosa e abre a oportunidade para a criança ter voz frente aos colegas, falar, ler, ser ouvida.” (PARREIRAS, 2009:50).

É preciso organizar o trabalho pedagógico para que os alunos experimentem e vivenciem a prática de produção de textos diversos. Com a leitura dos textos dos colegas e suas próprias produções, os alunos têm a oportunidade de se verem como autores da construção do seu conhecimento, ou seja, a criança precisa viver a experiência da autoria.

Josette Jolibert (1994), afirma que, o ato de escrever deve se concretizar em uma atmosfera que traduza o prazer de escrever:

[...] prazer de inventar, de construir um texto, prazer de compreender como ele funciona, prazer de buscar as palavras, prazer de vencer as dificuldades, prazer de encontrar o tipo de escrita e as formulações mais adequadas à situação, prazer de progredir, prazer da tarefa levada até o fim, do texto bem apresentado (JOLIBERT, 1994: 16).

Cyna Sabia  
9 anos

## CAPÍTULO III



*“Como já dizia Drummond, é nesse meio que se insere a escola como facilitadora do processo que eleva a importância de um ensino voltado para a criatividade e como meio formador de sensibilidade”. (AVERBUCK, 1988)*

### 3- HISTÓRICO DA UNIDADE DE ENSINO LÓCUS DA PESQUISA

O Centro Educacional Moderno localiza-se na Rua Aroldo Nascimento Cabral, 160, situado no bairro Catolé na Zona Sul da cidade de Campina Grande/PB.

“Há mais de 20 anos, o CEM – Centro Educacional Moderno baseia sua proposta numa educação solidificada no aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer. Estes pilares sustentam nossas ações e são fundamentais para priorizarmos ainda mais a interação e qualidade na relação família/escola. A coordenação pedagógica consciente zela pela igualdade de participação, fomentando os valores de cidadania, ética, respeito e autonomia dos alunos. Assim, a escola busca construir uma aprendizagem significativa, ressaltando as experiências, potencialidades e possibilidades de cada aluno”, afirma a diretora Maria de Jesus Souto Maior Porto.

A UNIDADE DE ENSINO em destaque desenvolve seu trabalho com crianças da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, acolhendo famílias de diferentes níveis sociais.

Atualmente com o número de 434 alunos – divididos entre os turnos MANHÃ e TARDE e 37 funcionários conforme apresenta a tabela abaixo:

| <b>FUNÇÃO</b>  | <b>QUANTIDADE</b> |
|--|-------------------|
| <b>DIRETORA</b>  | 01                |
| <b>PORTEIRO</b>  | 01                |
| <b>PSICÓLOGA</b>   | 01                |
| <b>SECRETÁRIA</b>  | 02                |
| <b>ZELADOR</b>   | 03                |
| <b>AUXILIAR DE SALA DE AULA</b>  | 6                 |
| <b>COORDENADORA PEDAGÓGICA</b>   | 02                |
| <b>EDUCADOR (Educação Infantil/Ensino Fundamental/Música / Inglês/Informática)</b> | 21                |

O nível de formação do quadro de funcionários/as consiste em dois funcionários com nível médio incompleto e 06 com nível médio completo; cinco com o nível superior incompleto por estarem cursando pedagogia UEPB/Comunicação Social, bacharelado – Educomunicação/UFCG; vinte e quatro com superior completo, onde uma é licenciada em

Psicologia, uma em Letras, uma em Música, vinte e uma com licenciatura em Pedagogia – entre eles cinco são pós-graduados(as), com especializações em Supervisão Escolar e Psicopedagogia.

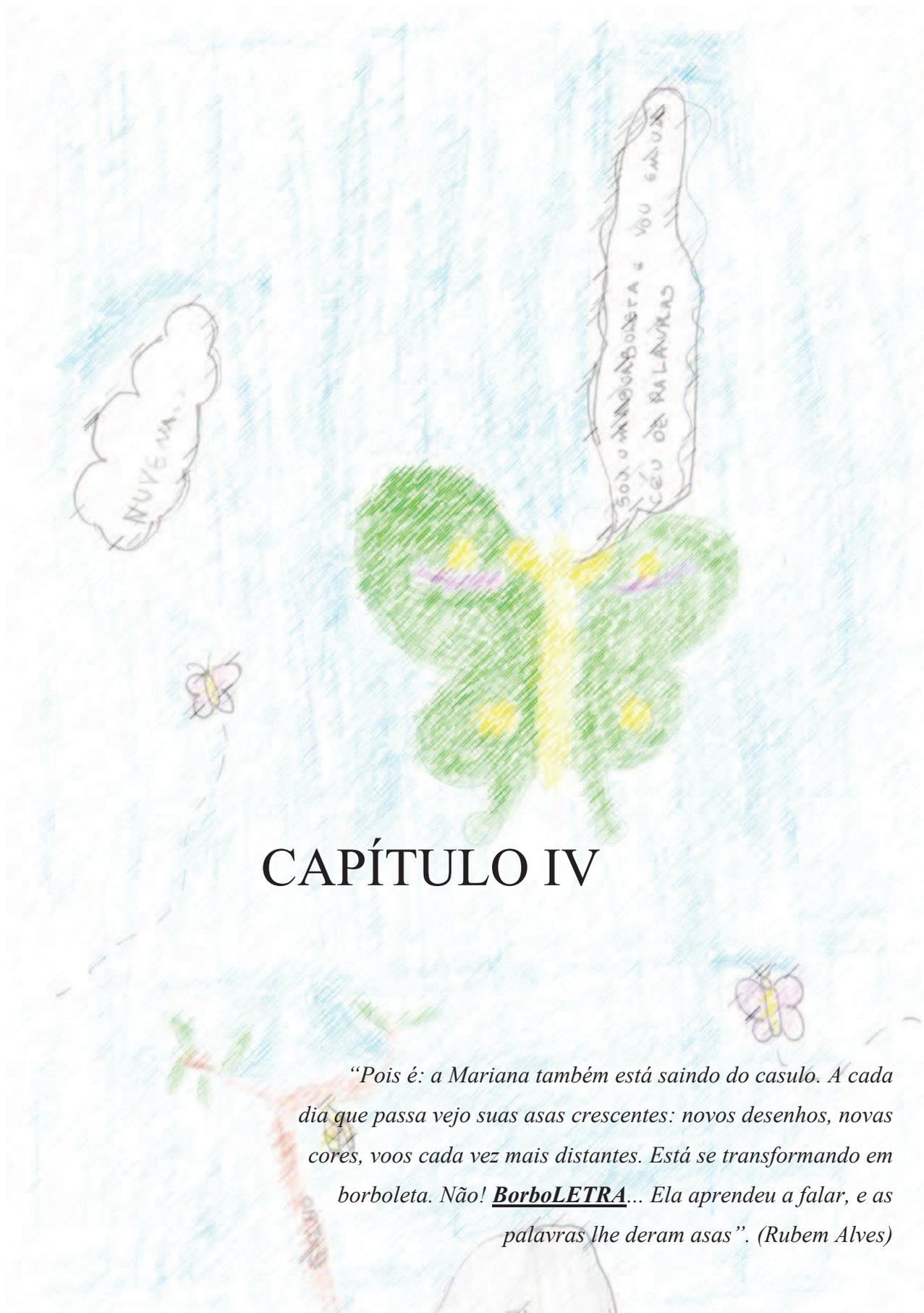
O prédio da instituição educacional apresenta uma estrutura moderna, composto por: uma quadra poliesportiva, dois playgrounds, uma casinha, um salão com jogos (Xadrez e Pebolim), uma biblioteca, uma sala de informática, secretaria, sala da diretora, sala para a coordenação, uma cantina, dezbanheiros, um almoxarifado e catorze salas de aula, em sua maioria amplas, podendo assim acomodar as crianças de forma agradável.

A escola é decorada com desenhos gráficos (grafitagem) que motivam a leitura, o respeito ao próximo e a preservação do Meio Ambiente. Nas salas de aula podemos encontrar cartazes expostos, com diferentes gêneros textuais – alguns produzidos pelas professoras e outros pelos alunos. Na Educação Infantil as salas disponibilizam mesas, cadeiras, almofadas, colchonetes e berços. E a partir do Ensino Fundamental o espaço é organizado de acordo com a proposta da atividade dirigida, ou seja, as carteiras podem ser organizadas em duplas, filas ou formato de “U”.



**Figura 1:** Grafitagem localizada no hall da cantina. Fonte: Acervo pessoal.

Nas mediações do CEM existem, residências, igrejas, panificadora, salão de beleza, supermercados, posto de saúde, outras escolas, casas e prédios, restaurantes, dentre outros.



## CAPÍTULO IV

*“Pois é: a Mariana também está saindo do casulo. A cada dia que passa vejo suas asas crescentes: novos desenhos, novas cores, voos cada vez mais distantes. Está se transformando em borboleta. Não! **BorboLETRA**... Ela aprendeu a falar, e as palavras lhe deram asas”.* (Rubem Alves)

#### 4-METODOLOGIA DA PESQUISA

Escolhemos a metodologia da pesquisa qualitativa para registrar os avanços quanto ao processo de alfabetização e letramento dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da unidade de ensino - Centro Educacional Moderno, descrita no capítulo anterior. Vale ressaltar que a pesquisa de cunho qualitativo traz uma riqueza maior quanto à realidade estudada, reduzindo a distância espacial e empírica entre o investigador e o investigado, aproximando a teoria e a práxis a partir da coleta de dados, em caráter descritivo, desenvolvida pelo pesquisador – sem se preocupar com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, contribuindo significativamente para a construção do conhecimento dos atores (sujeitos) da pesquisa.

Conforme Stake(1986):

Na maior parte dos estudos qualitativos, o processo de coleta de dados se assemelha a um funil. A fase inicial é mais aberta, para que o pesquisador possa adquirir uma visão mais ampla da situação, dos sujeitos, do contexto e das principais questões de estudo [...] (Stake *apud* Lüdke & André 1986: 46).

Para que ocorresse o elo entre os aspectos teóricos e empíricos, dividimos a pesquisa em duas etapas: a primeira refere-se ao trabalho de revisão de literaturas, fichamentos temáticos e levantamento bibliográfico, na segunda etapa, observamos quase que diariamente as práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças, bem como o olhar dos professores e familiares para com o projeto Diário do Agente de Leitura. Oportunizando-nos assim, uma maior aproximação, principalmente nos momentos de escolha e exposição oral das literaturas.

Não podemos deixar de notar que o Projeto Diário do Agente de Leitura desenvolvido na escola lócus da pesquisa é de nossa autoria e surgiu após sentirmos a necessidade de elaborar e aplicar um instrumento que estimulasse ações de leitura e escrita fundamentadas na perspectiva do alfabetizar letrando.

Para aquilatar a coleta de dados, solicitamos a alguns pais que relatassem (texto escrito) a opinião sobre o projeto de leitura e escrita vivenciado nos últimos meses. Contamos também com a avaliação (texto escrito/oral) de alguns professores do CEM e, principalmente, com os registros escritos pelas crianças, relatando os momentos de leitura em família no Diário do Agente de Leitura.

Por fim, após a coleta de dados, (relatos coletados e selecionados), tornou-se necessário o cruzamento das fontes escritas e os registros feitos pelos sujeitos da

pesquisa, fundamentados nos teóricos que sustentaram a problematização da temática da alfabetização do letramento nas séries iniciais do ensino fundamental tendo como instrumento facilitador desses processos o Diário de Leitura.

#### 4.1 A SALA DE AULA COMO AMBIENTE DE CULTURA ESCRITA: UM ENSAIO COM O GÊNERO DIÁRIO DE LEITURA.

A escola caracteriza-se como lócus por excelência de construção do conhecimento, dessa forma, pretende-se que nesse ambiente os/as alunos/as desenvolvam o hábito da leitura, e para isso é necessário que o espaço seja pensado e organizado de forma que eles tenham acesso aos diversos gêneros textuais, inserindo-as em um ambiente letrado.

O primeiro esforço deve ser orientado para assumir que o ambiente onde a criança aprende a ler e escrever deve ter uma quantidade suficiente de material escrito. Além do inventário de suportes e materiais diversos, estes devem ser adequados e relevantes para a criança (TEBEROSKY & COLOMER, 2003:106).

O objetivo desta seção é apresentar o gênero *diário de leitura*, enfatizando a importância da sua prática no contexto educacional, bem como ressaltar os efeitos dessa prática no ensino da leitura e da apropriação da norma culta da língua, além da valorização da linguagem oral.

O gênero *diário de leitura* é um procedimento didático recente que se configura como um texto de cunho subjetivo e íntimo, escrito em primeira pessoa do singular, na medida em que se lê um texto indicado ou exposto pelo professor ou pelo próprio aluno, a partir de instruções pré-estabelecidas. O diário permite estabelecer uma relação dialógica intensa e produtiva entre o leitor e o autor do texto, isto é, entre a escrita e a leitura (Machado, 1995; Buzzo, 2003), como em uma situação real de interação verbal (comunicação) entre pessoas face a face. Essa interação pode se dar de forma reflexiva, permitindo a compreensão do texto, além de total liberdade de expressão.

Assim, quando utilizado em situação escolar, seria importante deixar claro ao aluno que o objetivo da escrita diarista é estabelecer um diálogo imaginário com o autor do texto lido, refletir criticamente sobre o que é lido e produzir o diário, sabendo que ele se tornará público, alvo de uma discussão entre ele (aluno), o professor e os colegas. Para que os alunos aceitem prazerosamente esse tipo de prática, eles precisam ser estimulados, o que não é tão simples assim.

Apoiando-nos nessa afirmação, concluímos que é papel da escola disponibilizar aos professores recursos didáticos que os oriente na formação desses leitores e escritores, que desenvolvam as capacidades de linguagem necessárias para a compreensão e produção de textos. É papel do professor, fazer um excelente uso desses recursos didáticos.

Concernentes a essas necessidades, nossa pesquisa está centrada na questão da prática da leitura escolar e familiar a fim de formarmos leitores e escritores competentes.

E foi pensando assim, que decidimos elaborar e aplicar o Projeto Diário<sup>8</sup> do Agente de Leitura para as turmas iniciais do Ensino Fundamental do CEM. É importante registrarmos, em poucas linhas, como era a vivência das crianças no mundo letrado antes da inserção do projeto em estudo (Diário de Leitura) - bimestralmente, as crianças eram orientadas a desenvolverem trabalhos em equipe de acordo com a literatura infantil lida por elas, na sala de aula, onde preenchiam uma ficha de leitura. Ou seja, liam apenas quatro livros por ano e pouco eram estimuladas pela maioria da equipe pedagógica a despertarem o prazer pela leitura e a sentirem-se instigadas a escrever suas vivências.

Nesse período, a equipe pedagógica subsidiava seus trabalhos na linha Tradicionalista, acreditavam que a criança só escreveria seus primeiros textos depois que dominasse o sistema convencional de escrita e pouco era valorizado os momentos de oralidade. Além disso, o contato com os diferentes gêneros textuais era precário.

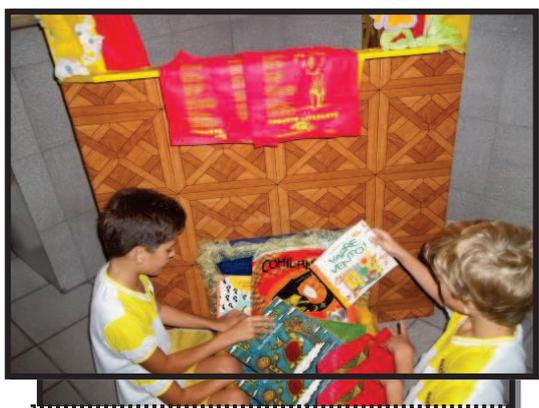
Após essa observação, começamos a trabalhar com as professoras a imprescindível missão de ensinar os/as alunos/as a apreciar a literatura infantil e perceberem-se como seres pensantes, capazes de escolher a literatura de sua preferência e compartilhar com as pessoas mais próximas a leitura realizada – formando assim os futuros Agentes de Leitura na escola, com a família, na praça, no parque... No mundo.

O Diário do Agente de Leitura é uma oportunidade que está sendo lançada para que a família participe, integre e estimule as práticas de leitura e escrita dos seus filhos, ele propicia momentos de prazer e aprendizagem durante todo o ano letivo. O desenvolvimento da proposta do Diário torna-se satisfatório quando há a participação da família junto com a criança em situações de leitura.

---

<sup>8</sup> O Diário se encontra em anexo.

O contato com a diversidade textual leva o leitor a explorar de forma contextualizada cada gênero, mas é imprescindível que a própria criança observe, manuseie e leia os livros, mesmo que ainda não consiga fazê-la de maneira convencional e esta seja hipotética. Vale registrar, que no início do ano letivo os alunos devem adquirir um título da literatura infantil para fazer um rodízio de livros semanalmente e bem como a aquisição do Diário de leitura. De acordo com as imagens a seguir:



**Figura 2:** Momento que retrata a escolha da literatura a ser lida em casa. Fonte: Acervo pessoal.



**Figura 3:** Momento de orientar os alunos para a prática do diário de leitura a ser vivenciado com a família. Fonte: Acervo pessoal.

Quanto à leitura realizada em casa, disponibilizamos quatro momentos distintos: um para que a criança pratique sua escrita espontânea, utilizando o conhecimento que dispõe sobre o sistema de escrita, outro pra que registre os dados sobre o livro com ajuda da família, o terceiro espaço para a ilustração da literatura e por último propõe a exposição oral da literatura lida.

A fim de avaliarmos a visão dos pais quanto à proposta do projeto de leitura e escrita desenvolvido na escola, solicitamos o registro de um texto opinativo a duas mães. Conforme reescreveremos a seguir.

O primeiro texto a ser refletido é o da mãe de um aluno do segundo ano do Ensino Fundamental:

Estimular o prazer de ler, principalmente nos dias atuais nos quais impera e reina absoluto o poder quase ditatorial da internet, é tarefa difícil para o professor. Quando pensamos então, em educação infantil, num contexto em que atrair o olhar dos pequenos iniciantes do processo de aprendizagem, essa tarefa parece adquirir proporções gigantescas e quase impensáveis.

Entretanto, para o professor consciente de que o papel de transformação da sociedade atravessa e integra o desenvolvimento do hábito de ler, e

consequentemente, a contínua prática de escrita, os meios de como se alcançar e atingir o pequeno e incipiente leitor se mostram de alguma forma.

O projeto “Diário de leitura” apresenta ao mesmo tempo que uma ludicidade ao se tratar de literatura como um meio de fruição e prazer, também estimula o nascedouro do pequeno leitor. Assim, práticas como essa nos leva a pensar que ainda temos professores comprometidos com a instigante tarefa que é fazer com que o hábito de leitura e a prática da escrita se dissemine entre as crianças.

Para finalizar seu posicionamento, a mãe do aluno faz referência ao escritor Tzvetan Todorov(2009) o qual ilustra, com maestria, o papel da literatura na sociedade moderna:

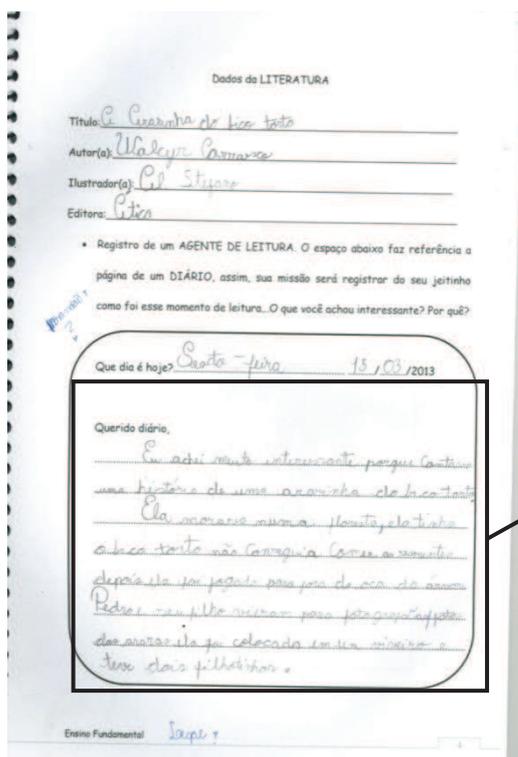
A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; [...]. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de se mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a literatura estaria condenada a desaparecer num curto prazo.

Segundo Coelho (2000:15), “a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”.

Já a mãe de uma aluna do 1º ano do Ensino Fundamental afirma que:

O projeto mostrou-se bastante relevante para a minha filha por desenvolver nela a imaginação, enriqueceu o seu vocabulário além de desafiá-la a se concentrar na leitura para que houvesse interpretação para que em seguida ela fizesse o relato a partir do que foi lido. Dessa forma, esse projeto traz para as famílias um momento prazeroso, pois quando o livro chega em casa a minha filha quer que todos nós façamos uma plateia para ouvi-la contar a história. Acredito eu que a formação do leitor ocorre com ele ainda criança e cabe a escola e a família despertar o prazer pela leitura dos nossos filhos.

Em uma das propostas do Diário de Leitura, Nelson, aluno do 4º ano, registrou a sua opinião sobre a literatura infantil lida por ele no final de semana. De acordo com o relato a seguir:

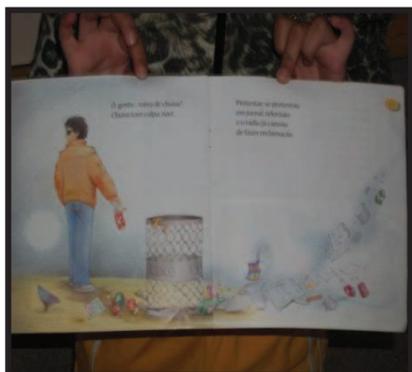


“Eu achei muito interessante porque contava uma história de uma ararinha do bico torto. Ela morava numa floresta, ela tinha o bico torto não conseguia comer as sementes depois ela foi jogada para fora da oca da árvore. Pedro seu filho vieram para fotografar as fotos das araras ela foi colocada em um viveiro e teve dois filhotinhos”.

Considerar as crianças como seres que são capazes de construir conhecimentos, seres inteligentes e pensantes pressupõe um professor observador, flexível, conhecedor das características da faixa etária com a qual atua, bem como conhecedor das concepções de ensino e aprendizagem e da didática, aspectos imprescindíveis a uma boa atuação pedagógica.

Assim, é tarefa do professor criar um ambiente motivador, em que gere o auto conceito positivo dos alunos, a confiança em sua própria competência enquanto “leitor” e “escritor” com excelência.

Considerando os aspectos acima mencionados, vale ressaltar o cuidado que o professor precisa ter em valorizar os conhecimentos que os alunos já possuem, fazendo-os circular pela turma e proporcionando gradativamente uma atitude autônoma dos alunos na construção dos seus saberes. Inserindo na rotina da sala de aula um espaço para que os alunos exponham seus conhecimentos e suas vivências, não só através da escrita como também por meio da oralidade, trazendo consigo a necessidade de organização do pensamento para a transposição oral. Conforme imagens abaixo:



**Figura 5:** Livro “Varre Vento” da escritora. Fonte: Acervo pessoal.



**Figura 6:** Apresentação oral do livro “Varre Vento”. Fonte: Acervo pessoal

O pai de Maria Clara, aluna do 4º ano, descreveu a importância do momento de leitura vivenciado por eles em um dos finais de semana. Tal proposta tinha como finalidade propiciar um convite a leitura entre PAIS e FILHOS.

Dados da LITERATURA

Título: *A Barriga Transparente*

Autor(a): *Fabiana Rodrigues*

Ilustrador(a): *Fabio Mingaglia*

Editora: *Scipione*

**LEITURA EM FAMÍLIA**

- Convide alguém de sua família para ler, junto com você, o livro escolhido!
- Agora, peça que a pessoa registre a opinião dela sobre o livro, no espaço abaixo:

*Este momento de compartilhar a leitura é muito importante e dá a oportunidade de passar mais um tempo junto com a filha e este livro – A barriga transparente – por ter uma história um pouco maior do que as outras proporciona isso. Além de ser bastante divertido e instrutivo.*

*Marta Santos Almeida*  
(assinatura)

“O importante é motivar a criança para leitura, para a aventura de LER!”  
Ziraldo

Que dia é hoje? *Terça* 08/10/2013

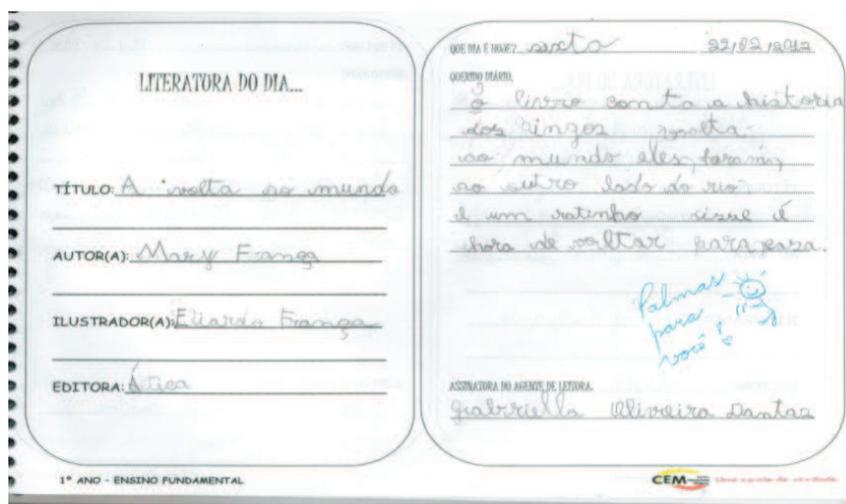
Ensino Fundamental

“Esse momento de compartilhar a leitura é muito importante e dá a oportunidade de passar mais um tempo junto com a filha e este livro – A barriga transparente – por ter uma história um pouco maior do que as outras proporciona isso. Além de ser bastante divertido e instrutivo”.

Após ler o relato do pai, podemos perceber a avaliação positiva com o trabalho do Diário de Leitura quanto à valorização da leitura em família, uma vez que, nos dias atuais, a tecnologia vem substituindo essa troca de saberes e afetos na rotina familiar. Partindo dessa realidade, fica o compromisso para a escola de resgatar os valores oriundos de uma relação proximal com o poder da literatura infantil na vida das nossas crianças e de seus familiares, além de conscientizar os pais da importância desses momentos.

A literatura infantil aparece nesse contexto como uma ferramenta indispensável que pode ser utilizada pela escola de diversas formas, na construção do desenvolvimento em todos os aspectos humanos; afinal, como lembra Coelho (2000, p. 16), “a escola é, hoje, o espaço privilegiado em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo”.

O Projeto de leitura e escrita “Diário do Agente de Leitura” abrange turmas do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, ou seja, crianças entre 6 e 10 anos, que são direcionadas a práticas de leitura e de escrita mesmo antes de dominar o sistema convencional de escrita. Ao se deparar com a proposta do Diário onde a criança precisa registrar através da escrita o momento de leitura vivenciado em casa, alguns pais de alunos do 1º ano começaram a questionar: “Como o/a meu/minha filho/a vai produzir um texto se ainda não conhece direito nem as letras do alfabeto?”. Diante desse questionamento, procuramos esclarecer àqueles pais da importância de estimular a escrita desde os anos iniciais, defendendo que, para a criança há um significado e o registro feito por ela é um texto sim, mas é imprescindível o reconhecimento da família e dos professores da escrita espontânea.



O nível de escrita da criança vai evoluindo mediante o contato com o mundo letrado, ou seja, com os diferentes gêneros textuais. Apropriar-se da palavra e exercitar plenamente a condição de voar por “territórios letrados” revela-se como uma significativa conquista dos sujeitos, sejam eles alunos ou professores. Observemos o relato de uma professora do 2º ano:

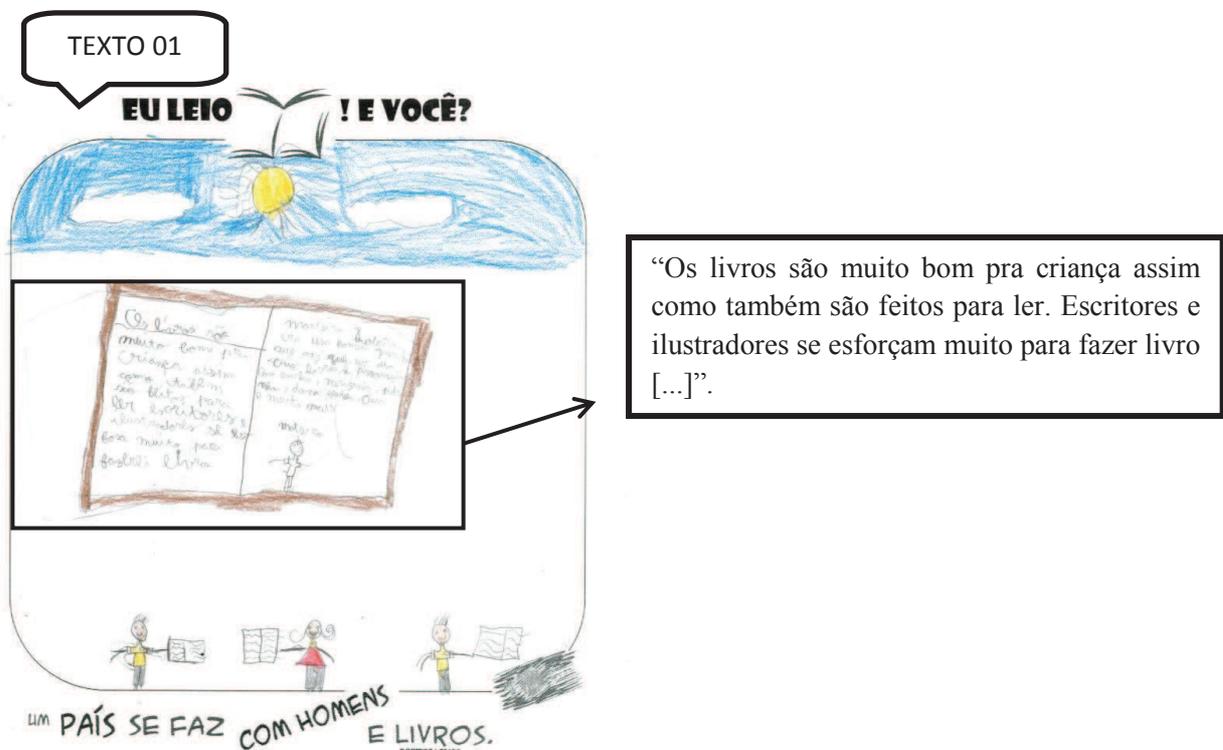
Trabalho com turmas de 2º ano há treze anos e durante esse tempo tenho observado que o processo de leitura do educando acontece com mais eficácia, quando há uma interação escola x família. O projeto Diário de leitura oportuniza esse momento da família com a criança, criando assim um ambiente alfabetizador. Despertando na criança a criatividade e o gosto por diferentes gêneros textuais: poema, conto, reportagem, fábulas e outros. Percebi que depois do projeto a criança tem fluência na leitura e segurança para ler em público, além do prazer, pois muitas vezes pede para fazer a leitura em sala de aula. A leitura é, e sempre será necessária na vida de todos os seres humanos, é quando criança

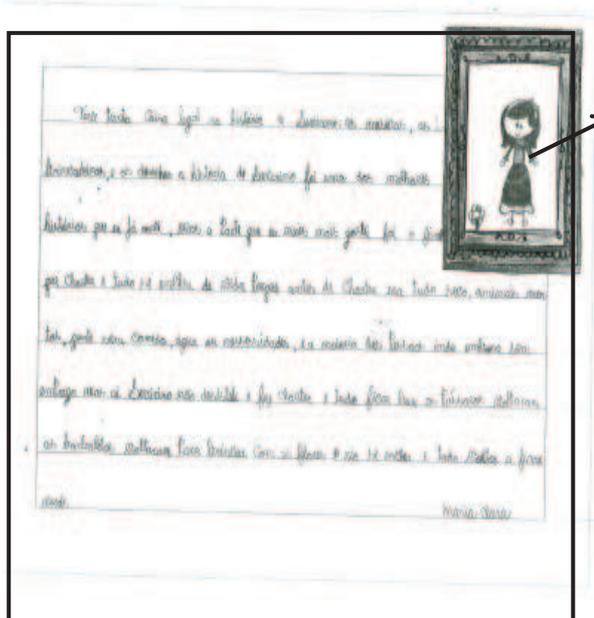


Segundo Coelho (2000:16),

[...] a escola é, hoje, o *espaço privilegiado*, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois, de maneira abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente.

Nesse sentido, a sala de aula tem o poder nas mãos de fazer a leitura ganhar ou perder seu sabor. Para dar sabor à leitura é importante que se diminua a distância entre o autor e a leitura, buscando meios para aproximá-los de maneiras de que um vá ao encontro do outro, por um caminho encantado de flores, fadas, sonhos, príncipes e princesas. Tal significado pode ser percebido nas propostas desenvolvidas por dois alunos de séries distintas: a primeira foi à ilustração da capa das atividades avaliativas do 3º bimestre feita por um aluno do 2º ano e a segunda, o relato desenvolvido por uma aluna do 4º ano sobre a literatura Severino faz chover da escritora Ana Maria Machado.





“Teve tanta coisa legal na história de Severino: as músicas, as brincadeiras e os desenhos. A história de Severino foi uma das melhores que eu já ouvi, mas a parte que eu mais gostei foi o final que chove e tudo se encheu de vida porque antes de chover era tudo seco, animais morrendo, gente sem comida, água ou necessidades [...]”.

Em outras palavras, os textos em destaque culminam o que foi trabalhado no decorrer do projeto – desde o processo de escolha da literatura a ser lida até a liberdade de expressão verbal (escrita/oral). E, principalmente, o gosto pela leitura.

Para Soares (1986:46),

O mais importante, porém, é que, numa escola transformadora, a articulação de conhecimentos produzidos por diferentes teorias se faz a partir de uma concepção política da escola, vista como espaço de atuação de forças que podem levá-la a contribuir na luta por transformações sociais.

Nas entre linhas, escola transformadora é aquela que prepara o educando para a vida. Formando assim, cidadãos críticos e ativos. Afinal, é papel de a escola ensinar a criança a ler e escrever para interpretar o mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando reflexivamente e de maneira crítica sobre toda a pesquisa realizada para a elaboração deste trabalho monográfico, podemos concluir que a adoção do Diário de Leitura trouxe um leque de dinamismo, para as turmas do Ensino Fundamental I do Centro Educacional Moderno da cidade de Campina Grande - PB, permitindo que o aluno dialogue com o texto, que dialogue com o(a) escritor(a), que dialogue com a família, com os colegas e com o professor, permitindo-lhe assumir e expressar a sua voz. Nas entre linhas, esse diálogo induz o aluno a deixar de ser um *agente passivo* para ser um *agente ativo no mundo letrado*.

Preparar os alunos para julgar com autonomia e criticidade o que leem e o que escrevem a fim de apreenderem com clareza o conteúdo dos textos lidos ou produzidos é tarefa do professor, ou melhor, do professor-letrador. Assim, ao observarmos a sua prática, percebemos o seu reflexo nas atitudes diárias das crianças desde o momento de apreciação ao universo literário à exposição escrita e oral do seu pensamento com segurança e clareza de ideias. Para ser um professor-letrador, inicialmente, faz-se necessário que o educador domine a proposta de letramento, além de considerar-se um ser em constante “reciclagem” do conhecimento e que saiba valorizar as potencialidades de cada aluno, planejando suas atividades de acordo com o contexto sociocultural das crianças, avaliando-as de forma peculiar.

O trabalho com o Diário do Agente de Leitura e o contato com os diferentes gêneros textuais na sala de aula favorece a aprendizagem da escuta, leitura e escrita de textos diversos, visto que a orientação do professor não será mais a de considerar apenas o aspecto formal do texto escrito, mas a de proporcionar o uso efetivo do texto por parte de seus (suas) alunos(as), abrindo-lhes oportunidades de se desenvolverem como cidadãos de uma sociedade letrada, atribuindo significado a *cultura escrita*, não só nas propostas do Diário do Agente de leitura como também nas demais atividades planejadas – conforme exemplificamos no capítulo IV.

Para obtermos resultados satisfatórios com o Diário do Agente de leitura precisamos formar uma parceria entre *família X escola*. Fazendo com que *TODOS* tenham o mesmo *desejo*: conscientizar as nossas crianças da imprescindível missão de fazer da leitura e da escrita instrumentos inseparáveis de suas vidas, tomando-os como princípios para a transformação da sociedade. Desse modo, a avaliação positiva dos pais e mães dos nossos

alunos com relação ao Diário de leitura possibilita um trabalho em conjunto que os leva a uma sólida construção do conhecimento.

Partindo do pressuposto de que ensinar é um trabalho intelectual o qual requer uma aprendizagem reflexiva continuada, caberá ao professor e aos demais docentes analisar e avaliar as práticas de leitura e escrita desenvolvidas no cotidiano escolar em função dos esforços para que se compreenda o processo de aprendizagem da criança. Buscando artifícios para uma prática pedagógica significativa, isto é, uma prática pedagógica que valorize as potencialidades de cada aluno (a) e que seja fundamentada na arte de *alfabetizar letrando*.

Diante dessas contribuições, acreditamos que, ao possibilitarmos a criança que esta crie a atitude de ler com prazer, de forma consciente e crítica, tendo a liberdade de expressão, ela a fará espontaneamente, sem a considerar como uma tarefa árdua e difícil de realizar. Porém, a mesma deverá estar inserida em um ambiente alfabetizador: gerador de *AGENTES DE LEITURA*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro/Brasília: UFRJ e UnB, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.
- BUZZO, M. G. (2003). **O Diário de Leituras: uma experiência didática na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP – Orientadora: Dra. Anna Rachel Machado.
- COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- DEMerval, Saviani. et aliii. O legado educacional do século XIX. Campinas: Autores Associados, 2006.
- DEMO, Pedro, 1941 – **A nova LDB: Rarços e avanços**/Pedro Demo. – 23ª ed. – Campinas, SP; Papirus, 2012. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREIRE, Paulo, MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**/ Emília Ferreiro. – 25. ed. – São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; v. 6).
- FUNARI, Pedro Paulo. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**/Pedro Paulo Funari, Ana Piñón.- São Paulo: Contexto, 2011.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças produtoras de texto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LÜDKE, Menga, & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Brasília: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

\_\_\_\_\_. Os sentidos da alfabetização. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA SANTOS, M. P. de. **"Instrução Pública"**. In: Dicionário Histórico Geográfico e Etnológico. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1922.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PRÓ-LETRAMENTO: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/ **Séries iniciais de Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**. – ed. rev. - e ampl. Incluído SAEB/ Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria da Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2008.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da educação no Brasil**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**/ Magda Soares. – 3 ed. – 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**/ Magda Soares. 6. Ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e escola**/ Magda Soares. – 3 ed. – São Paulo: Editora Ática, 1986.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva/** Ana Teberosky e Tereza Colomer; trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Brasil: Editora Difel, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história:** micro-história. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.

Sites acessados:

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita.** [2006]. Disponível em:

<<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>> Acesso em: 27 de março de 2012.

Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>> Acesso em: 12 de novembro de 2013.

Disponível em: <[http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/3074\\_8.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/3074_8.pdf)> Acesso em: 15 de novembro de 2013.

# ANEXO



# DIÁRIO

DO

AGENTE DE LEITURA

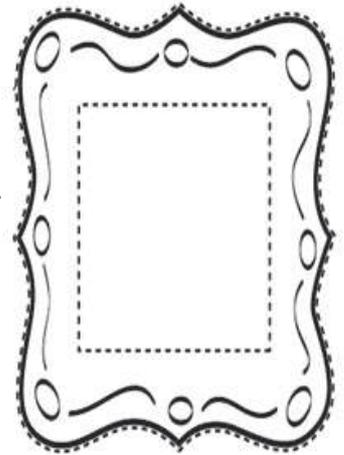
Aluno(a): .....

Ano: ..... Turno: ..... Professora: .....



# DADOS PESSOAIS

## DO AGENTE DE LEITURA



Nome:.....

Endereço:.....

Bairro:.....Cidade:.....

Estado:.....CEP:.....

Minha Escola:.....

Ano/Turno:.....Professora:.....

Ler pra mim é.....

**QUERIDA CRIANÇA,**

Queremos convidá-la para participar de um "superdesafio": ser **AGENTE DE LEITURA** do Projeto Literarte 2013.

Aceitando esse convite, você vai deparar-se com inúmeras surpresas e porque não... **DESCOBERTAS**. Este material didático lhe acompanhará durante todo o ano letivo, oportunizando assim, o registro de suas experiências com a leitura e com a escrita.

Entre uma página e outra dos livros vão aparecendo\_ príncipes, princesas, fadas, mágicos, florestas encantadas... É possível ver em cada folha terras imaginárias, gente sorrindo, chorando... a vida passando. Entre uma página e outra os livros revelam coisas sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos. Talvez seja por isso que haja uma unanimidade que não é possível refutar: ***Ler é Fundamental!***

Esperamos que entre uma página e outra dos livros, nossos pequenos leitores encontrem mais e mais razões para ler, sentindo-se parte desse imenso "**mar de palavras a serem decifradas**".

**Equipe Pedagógica**

# REGRAS DE OURO

1-Ter cuidado ao manusear o livro, ou seja, não rasgar, não sujar;

2-Não risque suas páginas;

3-Não dobre as pontas das folhas, fazendo "orelhas";

4-Use o marcador para identificar o local onde parou a leitura;

5-Não dobre as páginas para marcar a leitura;

6-Evite pegar no livro com as mãos sujas;

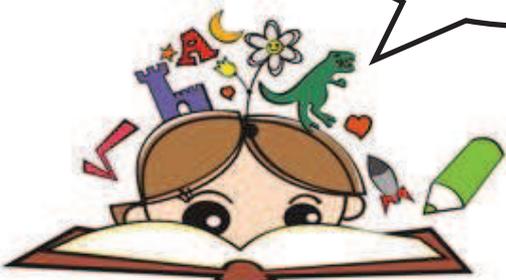
7-Não o amasse;

8-Evite deixá-lo descuidadamente na mochila;

9-Seja pontual! Leve o diário e a literatura no dia combinado;

EU LEIO!  
E VOCÊ?

Dados da LITERATURA



## Dados da LITERATURA

Título: \_\_\_\_\_

Autor(a): \_\_\_\_\_

Ilustrador(a): \_\_\_\_\_

Editora: \_\_\_\_\_

- Registro de um AGENTE DE LEITURA. O espaço abaixo faz referência a página de um DIÁRIO, assim, sua missão será registrar do seu jeitinho como foi esse momento de leitura...O que você achou interessante? Por quê?

Que dia é hoje?...../...../2013

Querido diário,

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

